

Na economia, todos acorrem ao Planalto

FROTA NETO

Na medida em que aqui crescem e atuam os **lobbies**, a gente sente o quanto houve de transferência do centro tomador de decisões na área econômica do Rio de Janeiro e São Paulo para Brasília. Essa transferência é recente e aconteceu de forma lenta e gradual, na medida em que o exercício da atividade política passou a ter mais espaço. Começou com a efetiva fixação do Governo em Brasília. A permanência do Presidente e dos Ministros de Estado não mais por horas ou dias, mas por períodos cada vez maiores e mais contínuos levou o empresariado a procurar formas e fórmulas diferentes de fazer chegar ao Governo seus pleitos e suas reivindicações.

Sendo aqui, a partir de determinado instante, que o Governo decide, foi para Brasília que se deslocaram os ecos e as repercussões das decisões de política econômica e é em Brasília que o empresariado começa a debater cada vez mais suas políticas de relação com o Estado. Nos corredores e gabinetes do Congresso Nacional e da Esplanada dos Ministérios, os **lobbies** são exercitados cada vez com maior vigor e frequência.

Esse quadro é novo. Apesar de 20 anos como Capital do País, Brasília foi uma cidade que sofreu o puxa-encolhe em que o centro de decisão e de poder

chegava e refluía. Na cidade industrial de São Paulo ou Rio de Janeiro, na cidade agrícola de Curitiba ou Porto Alegre, na cidade turística de Salvador ou na semiindustrial cidade do Recife, na cidade comercial do restante das capitais brasileiras os empresários se agrupavam em reuniões e despejavam de lá mesmo seus reclamos para o centro de poder. E o centro de poder estava geralmente em trânsito.

As associações de classe faziam sua intermediação entre o que o Governo precisava e o que o empresariado reivindicava. Era, e ainda são, mesmo que já timidamente, as reuniões de homenagem e conagração. O Governo se deslocava em cada uma dessas etapas, ora perseguindo seu ouvido para as associações comerciais, ora diligenciando sua audiência para as federações de indústrias. Quando essas entidades se esclerosaram anti o oba-oba que descreviam, quando elas se auto-exauriram pela reduzida expressão econômica de suas lideranças foi então que chegou a vez da emergência de entidades setoriais de grupos mais dinâmicos e mais modernos da economia do país. Essas entidades setoriais explodiram em lideranças informais, com pronunciamentos geralmente marginais à própria aceitação do poder.

Mas Brasília, ia aos poucos resistindo,

com seus Ministros e o próprio Presidente permanecendo mais tempo. Ficando. Descobriram e identificaram, então, os empresários, que novas rotas tinham que ser traçadas para chegar ao fundo do centro do poder. Não mais se constava o useiro e vezeiro de Ministros da área econômica despachando dois três dias ora em São Paulo, ora no Rio de Janeiro, mas ficando pé em Brasília de segunda a sexta ou de segunda a quinta-feira, e a própria cidade - Capital começou a ganhar mais espaço e mais expressão como centro e determinante de poder e de decisão.

Hoje é fácil perceber que o tempo de mudança está em sua fase final de maturação. Nenhuma entidade de classe de expressão nacional, nenhuma grande empresa, nenhuma liderança significativa deixa de ter aqui montado o seu escritório, a sua representação, a sua delegação com o que procura e obtém maior velocidade nas comunicações de expressão com o poder do Estado. A própria mudança da estrutura dos órgãos da administração Pública fundamentou e fortaleceu o processo embora ainda hoje alguns órgãos de Governo tenham suas sedes e suas direções fora de Brasília. Mas mesmo esses cujas sedes não estão aqui na hora das decisões e das definições vêm "molhar seu cido na pia de água benta" do planalto central.